Empreendedorismo e Startups

ENANGRAD PLENO

EMPREENDEDORISMO FEMININO EM TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS: O PAPEL DE UMA ASSOCIAÇÃO COMO REDE DE APOIO E COOPERAÇÃO

Resumo
Este estudo analisa o empreendedorismo feminino como estratégia de geração de renda, autonomia econômica e fortalecimento social em territórios periféricos, com foco no papel da Associação Empreendedoras Restinga (ER) como rede de apoio e cooperação. O contexto de pesquisa é marcado por desigualdades de gênero, vulnerabilidade social e acesso limitado a recursos e oportunidades de mercado. A pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, utilizando o estudo de caso como procedimento metodológico. Foram realizadas 11 entrevistas semiestruturadas com associadas e gestoras da ER, com mulheres entre 33 e 49 anos, cujos dados foram analisados por categorias temáticas previamente definidas. Os resultados evidenciam que a atuação da ER transcende o apoio técnico, funcionando como rede de solidariedade que mitiga desafios estruturais enfrentados pelas empreendedoras. As mulheres lidam com preconceito de gênero, estigmatização territorial do bairro Restinga e sobrecarga de responsabilidades familiares. A associação contribui para o fortalecimento das empreendedoras locais por meio de acolhimento emocional, capacitação profissional, ampliação de visibilidade e desenvolvimento de capital social. O estudo demonstra que o associativismo é estratégia fundamental para emancipação e autonomia econômica de mulheres em contextos periféricos, promovendo transformação pessoal, profissional e comunitária. Além disso, contribui para as discussões acadêmicas sobre empreendedorismo feminino, desenvolvimento social inclusivo e o papel das redes associativas em territórios vulneráveis.
Palavras-chave: Empreendedorismo feminino; Empreendedorismo Periférico; Associativismo; Territórios periféricos.

Abstract
This study analyzes female entrepreneurship as a strategy for income generation, economic autonomy, and social empowerment in peripheral territories, with a focus on the role of the Empreendedoras Restinga Association (ER) as a support and cooperation network. The research context is marked by gender inequalities, social vulnerability, and limited access to resources and market opportunities. The research is characterized by a qualitative, exploratory approach, using case study as the methodological procedure. Eleven semi-structured interviews were conducted with association members and managers, with women aged 33 to 49 years, whose data were analyzed through previously defined thematic categories. Results demonstrate that the ER's activities transcend technical support, functioning as a solidarity network that mitigates structural challenges faced by female entrepreneurs. Women contend with gender prejudice, territorial stigmatization of the Restinga

neighborhood, and family responsibility overload. The association contributes to strengthening local female entrepreneurs through emotional support, professional training, visibility expansion, and social capital development. The study demonstrates that associativism is a fundamental strategy for empowerment and economic autonomy of women in peripheral contexts, promoting personal, professional, and community transformation. Furthermore, it contributes to academic discussions on female entrepreneurship, inclusive social development, and the role of associative networks in vulnerable territories. This research fills a gap in the literature regarding the importance of local associations as support networks for female entrepreneurs in peripheral areas, highlighting how collective action can overcome structural inequalities and foster sustainable development.

Keywords Women's Entrepreneurship, Peripheral Entrepreneurship; Associativism; Peripheral territories.

1. Introdução

O empreendedorismo feminino tem conquistado espaço crescente no Brasil, totalizando mais de 10 milhões de mulheres donas de negócios (Sebrae, 2024). Para mulheres em situação de vulnerabilidade, especialmente em territórios periféricos, o empreendedorismo frequentemente surge como alternativa de geração de renda e autonomia diante das barreiras do mercado formal de trabalho, como a falta de flexibilidade e os preconceitos associados à maternidade.

Nesses contextos, as iniciativas empreendidas por mulheres costumam transcender o crescimento econômico individual, gerando impacto social significativo e promovendo o fortalecimento comunitário (GEM, 2023). Contudo, essas empreendedoras enfrentam desafios estruturais profundos, que vão desde a dificuldade de acesso a financiamento (Dias & Rübenich, 2024) até o estigma associado aos territórios onde habitam.

Diante dessa realidade, redes de apoio e associações locais emergem como estratégias fundamentais de cooperação. Este estudo destaca a Associação Empreendedoras Restinga (ER), uma iniciativa sem fins lucrativos fundada em 2019 no bairro Restinga, uma das maiores periferias de Porto Alegre/RS. A região, com mais de 62 mil habitantes, apresenta indicadores socioeconômicos desafiadores, incluindo baixa taxa de ocupação formal e alta vulnerabilidade (ObservaPOA, 2024).

Sob essa perspectiva, a presente pesquisa busca responder: Como a atuação da ER contribui para o empreendedorismo feminino em seu território, considerando os desafios sociais, econômicos e culturais enfrentados por essas mulheres? O objetivo geral é analisar a contribuição da ER para o empreendedorismo feminino local. Especificamente, busca-se: a) caracterizar a ER; b) identificar os desafios enfrentados pelas empreendedoras na periferia; e c) mapear as estratégias de apoio e cooperação promovidas pela associação.

O estudo justifica-se pela necessidade de compreender como as mulheres constroem alternativas de renda e autonomia frente às desigualdades estruturais, contribuindo para o debate sobre desenvolvimento inclusivo. Ademais, atende à lacuna apontada por Oliveira e Davel (2022)

quanto à escassez de estudos aprofundados sobre o papel de associações locais como redes de apoio a empreendedoras.

Além desta introdução, este artigo está organizado da seguinte forma: fundamentação teórica, onde são apresentados conceitos e pesquisas sobre os temas empreendedorismo feminino, empreendedorismo periférico e capital social e associativismo; uma seção de método, onde são explicados os procedimentos metodológicos adotados no estudo; seção de resultados, organizados nas subseções “a Associação Empreendedoras Restinga (ER)”, que apresenta a associação estudada, dificuldades e desafios enfrentados por mulheres em territórios periféricos e Apoio e cooperação promovidos pela ER; por fim é apresentada a seção de considerações finais, seguida a lista de referências utilizada neste artigo.

2. Fundamentação teórica

2.1 Empreendedorismo Feminino

De acordo com Gomes et al. (2014), as pesquisas em empreendedorismo têm direcionado maior atenção à atuação das mulheres empreendedoras, consolidando o empreendedorismo feminino, em âmbito global, como um tema de destaque na agenda acadêmica. Estes estudos tiveram início na década de 1970, uma vez que, até então, o campo investigativo sobre empreendedorismo encontrava-se voltado predominantemente à atuação masculina (Ahl, 2006). Revela-se fundamental adotar uma perspectiva que considere o contexto social e cotidiano das mulheres empreendedoras, reconhecendo os desafios inerentes ao equilíbrio entre suas responsabilidades profissionais, familiares e sociais.

Pontes e Dinis (2022) destacam que, em muitos casos, a inserção no empreendedorismo ocorre como uma resposta à maior vulnerabilidade das mulheres, especialmente em contextos sociais adversos. Com igual relevância, Machado (2012) ressalta que, embora o empreendedorismo seja amplamente valorizado pela sociedade, ainda persiste a percepção de que essa é uma atividade predominantemente masculina, especialmente quando o setor escolhido não está tradicionalmente associado a profissões consideradas socialmente adequadas para mulheres. Versiani et al. (2021) apontam que muitas mulheres empreendedoras vivenciam um sentimento de culpa devido às dificuldades em equilibrar o trabalho e o cuidado com a família.

Segundo o Sebrae (2024), o empreendedorismo tem se mostrado uma alternativa acolhedora e relevante para a inserção profissional das mulheres, promovendo autonomia e maior acesso ao mercado de trabalho. Em 2024, 34,5% das mulheres donas de negócio possuíam ensino superior incompleto ou nível mais elevado, indicando um aumento da participação de mulheres com maior escolaridade no empreendedorismo, o que representa uma mudança no perfil educacional das empreendedoras. Esse movimento pode ser interpretado de duas formas: positivamente, como sinal de maior qualificação formal para empreender; ou como reflexo das barreiras estruturais enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho, que dificultam o acesso e a permanência em empregos formais, levando muitas ao empreendedorismo por necessidade. Essa realidade é especialmente evidente entre mulheres mães, que frequentemente encontram obstáculos para conciliar maternidade e trabalho formal, devido à falta de flexibilidade organizacional e a preconceitos associados à maternidade. Diante disso, o empreendedorismo surge como

uma alternativa viável de geração de renda e autonomia profissional (Sebrae 2024).

Neste sentido, Ferreira et al. (2023), Maragni et al. (2024) e Pessoa et al. (2019) abordam o empreendedorismo feminino periférico evidenciando o empoderamento como elemento central para o fortalecimento destas mulheres e suas trajetórias em territórios marcados pela vulnerabilidade e pela marginalização social. Esses estudos demonstram que o empreendedorismo pode atuar como instrumento de emancipação e construção da cidadania, ampliando o acesso a direitos e promovendo transformações econômicas, sociais e culturais.

2.2 Empreendedorismo periférico

De acordo com o GEM (2024), observa-se um leve crescimento da atividade empreendedora no Brasil. A pesquisa reforça ainda que, após o período da pandemia de Covid-19, o brasileiro passou a ponderar muito mais a possibilidade de se tornar um empreendedor. Sob esta perspectiva observa-se que, nos últimos anos, diversas pesquisas têm buscado analisar as múltiplas facetas do empreendedorismo, especialmente nas periferias urbanas brasileiras, revelando tanto seu potencial transformador quanto às contradições que o permeiam.

Para Drucker (2014), a demografia exerce influência decisiva sobre o empreendedorismo, uma vez que altera a configuração social e, ao mesmo tempo, abre espaço para o surgimento de novas demandas e oportunidades de negócios, afetando tanto a dinâmica social quanto às oportunidades de negócio. Segundo os dados do GEM (2024), 45% dos empreendedores iniciaram seu negócio impelidos por necessidade, evidenciando o maior ingresso de grupos mais vulneráveis, como mulheres, pessoas mais velhas e indivíduos com menor escolaridade e renda.

No contexto do empreendedorismo popular periférico, Abílio (2019) destaca que que, embora ele seja frequentemente acionado como estratégia de sobrevivência diante da escassez de empregos formais, está atravessado por outras questões. Entre elas, sobressaem a informalidade, a precarização do trabalho e a difusão de um discurso neoliberal que valoriza a autonomia individual, muitas vezes ignorando as desigualdades estruturais que condicionam essas iniciativas. Já para Costa (2024) e Maragni et al. (2024), apesar de o empreendedorismo ser comumente associado ao individualismo neoliberal, sua apropriação nos territórios periféricos urbanos pode assumir outros significados. Nesses contextos, ele pode expressar uma economia moral baseada em vínculos locais, práticas de solidariedade e estratégias de resistência às imposições do mercado. Também se destacam as tensões e ambiguidades presentes na busca por independência econômica em cenários marcados pela precariedade estrutural, pela informalidade, pela insegurança e pelo enfraquecimento dos laços comunitários.

Costa (2024) aponta que viver na periferia geralmente implica longos e desgastantes deslocamentos até os locais de trabalho. No entanto, o autor identifica uma perspectiva alternativa, segundo a qual esses sujeitos podem ser considerados relativamente privilegiados ao romperem a dependência de empresas e comércios situados nas áreas centrais, por meio da criação de iniciativas próprias, como pequenos negócios locais. Em regiões mais periféricas, observa-se uma forte relação de pertencimento entre comerciantes e seus bairros, nos quais esses atores se reconhecem como referências locais

e constroem vínculos baseados no reconhecimento mútuo e na sociabilidade cotidiana. Fontes (2023) entende que o empreendedorismo pode ser compreendido como uma ferramenta de ampliação de direitos, ao possibilitar que pessoas em situação de pobreza acessem carreiras e façam escolhas profissionais historicamente negadas pela exclusão social. O foco desloca-se do sucesso individual para o direito de construir trajetórias profissionais orientadas pelos próprios sonhos e pelas necessidades do território em que estão inseridas.

De modo geral, estes estudos apontam que o empreendedorismo periférico costuma ser associado à ideia de necessidade, mas essa interpretação não contempla toda a sua complexidade. Essa prática envolve resistência e inovação social, características fortemente presentes nesses territórios. Os empreendedores não se veem apenas como sujeitos em condição de precariedade, mas como protagonistas na criação de soluções e oportunidades para suas comunidades. Reconhecer essa dupla dimensão é essencial para compreender o empreendedorismo como um fenômeno social marcado simultaneamente por contextos de vulnerabilidade e por processos de emancipação (Fontes, 2023).

2.3 Capital social e associativismo

Oliveira (2018), destaca que as associações comunitárias e coletivos locais desempenham papel fundamental na organização das demandas sociais e na formação de redes de solidariedade, constituindo-se como espaços de representação política e fortalecimento socioeconômico. Assim, o empreendedorismo e a atuação associativa nas periferias se interconectam como dimensões complementares de um mesmo processo de autonomia, pertencimento e transformação social, em que as iniciativas econômicas individuais se fortalecem por meio da ação coletiva e das estruturas associativas locais. De acordo com Lüchmann (2014), às associações exercem impactos significativos no processo de socialização dos indivíduos, oferecendo possibilidades de promover a reprodução, a integração ou a transformação social, impulsionando o desenvolvimento econômico e fortalecendo vínculos de pertencimento e identidade cultural, entre outros aspectos. A autora ainda destaca que as associações exercem um papel de extrema importância pois cultivam o desenvolvimento de virtudes cívicas, consideradas cruciais para uma sociedade democrática.

Na mesma direção, Kerstenetzky (2003) ressalta que o associativismo possui o potencial de reduzir desigualdades políticas ao incidir sobre as desigualdades sociais. Isso porque, quando intensas, tais desigualdades socioeconômicas estão ligadas a diversas consequências negativas, como baixo crescimento econômico, ineficiência, pobreza, violência e uma democracia de baixa qualidade, marcada não apenas pela fragilidade na efetividade dos direitos civis, mas também pela desigualdade no acesso aos direitos políticos. Segundo Lüchmann (2014), no Brasil as associações de moradores desempenham um papel político central, atuando na representação de demandas coletivas e na mobilização social, diferentemente do caráter mais cívico observado no contexto norte-americano.

Pela perspectiva de Bourdieu (1986), pode-se analisar como as associações contribuem para o desenvolvimento do capital social. O autor enfatiza que o capital deve ser concebido em suas múltiplas formas, e não apenas na forma monetária. O capital social refere-se às redes de relações,

contatos e vínculos sociais que os indivíduos e grupos constroem ao longo do tempo, e que podem gerar benefícios, oportunidades e reconhecimento simbólico. Trata-se de uma dimensão essencial da vida coletiva, que contribui para o fortalecimento das práticas associativas e para a consolidação de espaços de cooperação, pertencimento e transformação social (Bourdieu, 1986).

3. MÉTODO

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso qualitativo, de natureza exploratória e descritiva (Yin, 2010; Collis & Hussey, 2005). O foco foi analisar a contribuição da ER para o fortalecimento do empreendedorismo feminino no bairro Restinga.

A coleta de dados ocorreu em três etapas: (1) revisão bibliográfica; (2) análise documental (estatuto, atas, publicações e redes sociais da ER); e (3) entrevistas semiestruturadas. Foram realizadas 11 entrevistas (nove com associadas e duas com gestoras da ER), com mulheres entre 33 e 49 anos, realizadas entre janeiro e fevereiro. O número de participantes foi definido pelo critério de saturação teórica (Falqueto et al., 2018).

Os dados foram tratados por meio de análise de conteúdo por categorias previamente definidas, criadas a partir da revisão de literatura (Vergara, 2005), estruturada em quatro eixos: motivação empreendedora; desafios ao empreender; participação na ER; e transformação social. A pesquisa foi aprovada por Comitê de Ética e as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tendo suas identidades preservadas (E1 a E11).

4. Resultados

4.1 A Associação Empreendedoras Restinga (ER)

A associação é compreendida como um espaço de atuação coletiva, que contribui para o fortalecimento do empreendedorismo feminino em um contexto periférico. Sua criação está diretamente relacionada às dinâmicas sociais e territoriais que permeiam o contexto estudado.

A ER surgiu a partir de uma demanda coletiva identificada por empreendedoras locais, especialmente diante das dificuldades de acesso ao bairro, marcadas por fatores como distância, estigmatização e percepção de insegurança. A entrevistada (E12) relata que, no primeiro momento, este movimento era para ser algo informal, entre amigas que se identificavam com esta situação em seus negócios. Porém, já em sua primeira reunião, “superlotou com cerca de 80 mulheres” (E12), de modo que as reuniões semanais se tornaram essenciais em suas vidas. Assim, no ano de 2019, identificou-se a necessidade de formalizar a rede por meio da criação de um CNPJ e sua constituição como associação. Essa formalização visava ampliar a capacidade de apoio às empreendedoras, tornando a atuação mais eficaz, além de possibilitar a participação em movimentos e a articulação com parceiros estratégicos. Atualmente, a Associação conta com aproximadamente cinquenta associadas que participam ativamente do grupo. Trata-se de um público heterogêneo, tanto em relação aos segmentos de atuação, quanto ao tempo de vínculo, que varia de quatro meses a sete anos, além de abranger diferentes faixas etárias. Em comum, essas mulheres buscam apoio para o desenvolvimento e fortalecimento de seus negócios.

De acordo com o seu estatuto, a associação possui uma diretoria executiva composta por seis integrantes: uma presidente, uma vice-presidente, três secretárias e uma tesoureira. A atual gestão foi eleita conforme as diretrizes estatutárias, que preveem a realização de eleições a cada seis anos, assegurando a todas as empreendedoras associadas o direito de se candidatar. Em relação ao vínculo, para se tornar uma associada, não é necessário possuir CNPJ. A mensalidade é de R$50,00 reais, um valor simbólico e acessível, necessário para que a associação possa se manter, cobrindo despesas básicas, como o pagamento do aluguel de sua sede.

As entrevistadas E8 e E11, que integram a gestão da Associação, destacaram que a organização enfrenta diversas demandas simultâneas, incluindo a gestão de questões burocráticas, a captação de recursos, o estabelecimento de parcerias, a busca por mentores para capacitações, a manutenção das redes sociais e o relacionamento com as associadas. Além disso, enfatizaram a necessidade de uma atuação sensível e personalizada junto às empreendedoras, ressaltando que “cada caso é um caso” (E8). Também esclareceram que a contribuição financeira das associadas é destinada exclusivamente à cobertura dos custos operacionais. Além disso, a entrevistada E8 apontou que o trabalho realizado de forma voluntária na associação frequentemente impacta a vida pessoal das gestoras, chegando, em alguns casos, a interferir em seus próprios empreendimentos.

Quando questionadas sobre os objetivos futuros, a entrevistada E11 relatou que, no presente ano, foi estruturado um grupo de planejamento estratégico composto por associadas mais atuantes e participativas. Tal iniciativa tem como propósito ouvir novas ideias, preparar essas integrantes para futuras posições de gestão e estabelecer metas voltadas ao alcance dos objetivos institucionais. Ainda sobre projeções futuras, a entrevistada E8 acrescenta que, desde a fundação da associação, o principal sonho tem sido a conquista de uma sede própria. Segundo ela, a entidade ainda está empenhada em viabilizar esse objetivo durante a atual gestão. A concretização dessa meta poderá ampliar significativamente as oportunidades oferecidas, uma vez que a existência de um espaço próprio, segundo E8, eliminaria a necessidade de cobrança de mensalidades, favorecendo, assim, o acesso a um número maior de mulheres empreendedoras.

Quanto às oportunidades, as empreendedoras associadas têm acesso a cursos de capacitação, participação em eventos, palestras e workshops, oferecidos pela associação, que podem ser gratuitos ou com condições especiais de desconto. Outro benefício é o direito a três diárias mensais gratuitas no espaço de coworking. Além disso, participam de um grupo no WhatsApp e de dinâmicas de divulgação promovidas pelo coletivo, ampliando conexões e oportunidades.

A partir da análise das atas das assembleias gerais realizadas trimestralmente, foram identificadas informações detalhadas sobre a prestação de contas, incluindo o saldo disponível em caixa, bem como dados relativos a taxas e despesas fixas da associação. Em todas as reuniões, é garantido espaço de fala às associadas para esclarecimento de dúvidas sobre esses aspectos. Além disso, são registradas sugestões de melhorias apresentadas pelas próprias integrantes. As demais comunicações e eventuais reuniões extraordinárias são convocadas conforme a necessidade, por meio do grupo de WhatsApp.

No que se refere à presença digital, a associação conta com mais de 7 mil seguidores em suas redes sociais, consolidando-se como um importante canal de comunicação e engajamento com a comunidade empreendedora da região. Esse espaço cumpre um papel estratégico na divulgação de iniciativas, no apoio às associadas e no fortalecimento do empreendedorismo feminino no território. Além disso, nas avaliações da página, a instituição apresenta 100% de recomendação, acompanhada de diversos comentários positivos de mulheres que destacam o apoio recebido e reconhecem a associação como uma importante oportunidade de crescimento pessoal e profissional, corroborando os relatos de todas as entrevistadas neste estudo.

4.2 Dificuldades e desafios enfrentados por mulheres em territórios periféricos

Nas falas das entrevistadas, o preconceito de gênero surge como obstáculo central: várias relataram ter sua autoridade e competência questionadas por atuarem em áreas tidas como masculinas, e E7 descreveu episódios em que sua condição de proprietária de clínica foi deslegitimada, chegando a naturalizar esse tipo de tratamento (E7; E10; E11). Esses relatos ecoam análises sobre desigualdades de gênero que consolidaram a ideia do espaço empresarial como predominantemente masculino (Ahl, 2006; Machado, 2012), o que contribui para estereótipos que minam a capacidade de gestão e liderança feminina e reforça a urgência de ampliar o debate e ações de equidade (E7).

No contexto periférico, essas dificuldades se intensificam devido a condições estruturais de precariedade, informalidade e insegurança econômica associadas ao empreendedorismo popular (Abílio, 2019). Muitas entrevistadas são mães solo e responsáveis pelo sustento familiar; seis afirmaram que o empreendedorismo surgiu como alternativa de geração de renda diante de recursos limitados, instabilidade financeira e acúmulo de responsabilidades, o que evidencia como desigualdades sociais e de gênero atravessam suas trajetórias (E1; E2; E8). Casos individuais ilustram essa dinâmica: E4 iniciou como motorista de aplicativo durante a pandemia, foi acometida por doença grave e precisou reinventar-se vendendo receitas caseiras, contando com apoio informal para logística (E4). E8 relaciona sua motivação à maternidade e à falta de redes de apoio, que dificultam o retorno ao mercado formal (E8). Dados do Sebrae (2024) apontam que o empreendedorismo tem se consolidado como alternativa relevante para a inserção feminina no mercado de trabalho, ampliando autonomia e oportunidades, ainda que em condições adversas (Sebrae, 2024).

A discriminação territorial também aparece com frequência: oito entrevistadas relataram perda de clientes por resistência a deslocamentos até o bairro, e o estigma do território se manifesta tanto em decisões de consumo quanto em chacotas e notícias negativas que afetam a imagem local (E7; E9). Para mitigar essas barreiras, algumas empreendedoras evitam referências ao bairro no nome do negócio ou realizam entregas fora do território; outras investem em deslocamentos para não perder clientes. Essas estratégias mostram adaptações práticas diante de preconceitos geográficos que, segundo Drucker (2014), decorrem de percepções demográficas e estigmas territoriais que influenciam o empreendedorismo (E7; E9).

Apesar dos desafios, as entrevistadas apontam estratégias de resistência e permanência: atualização profissional contínua, investimento em

divulgação e networking são práticas unanimemente citadas como essenciais para visibilidade e competitividade, especialmente no início da trajetória (E9). A trajetória empreendedora é descrita como solitária e gradual — a "musculatura empreendedora" se desenvolve com tempo, coragem e determinação diante da incerteza (E3; E7). Em síntese, as narrativas mostram que desigualdades de gênero, vulnerabilidades socioeconômicas e estigmas territoriais se entrelaçam, impondo obstáculos recorrentes, mas também motivando adaptações e ações coletivas que buscam ampliar redes de apoio e condições de permanência (E3; E7; E9).

A seguir, são apresentados dois quadros com a síntese dos desafios enfrentados pelas empreendedoras (Quadro 1) e com a síntese das motivações para empreender das mulheres entrevistadas (Quadro 2).

Tipo de Desafio	Descrição
Preconceito de Gênero	Questionamento da capacidade de gestão e liderança; deslegitimação em setores "masculinos"
Estigma Territorial	Discriminação associada ao bairro Restinga; perda de clientes; necessidade de omitir localização
Vulnerabilidade Socioeconômica	Precariedade estrutural, informalidade, insegurança econômica; muitas são mães solo
Sobrecarga de Responsabilidades	Acúmulo de cuidado familiar, trabalho e empreendimento; dupla/tripla jornada
Falta de Rede de Apoio	Ausência de suporte familiar, profissional ou comunitário prévio
Dificuldade de Acesso a Financiamento	Limitações de recursos, instabilidade financeira
Necessidade de Qualificação Constante	Investimento contínuo em atualização profissional e divulgação

Quadro 1: síntese dos desafios enfrentados pelas empreendedoras

Tipo de Motivação	Descrição
Necessidade/Subsistência	Empreendedorismo como alternativa de geração de renda diante de desemprego ou barreiras no mercado formal
Maternidade/Flexibilidade	Busca por conciliar responsabilidades familiares com trabalho; falta de flexibilidade no mercado formal
Autonomia/Emancipação	Desejo de independência e reconhecimento profissional em setores não tradicionais
Desenvolvimento Pessoal e Profissional	Busca por crescimento, aprendizado e transformação

Tipo de Motivação	Descrição
Reinvenção/Adaptação	Necessidade de se reinventar diante de mudanças de vida

Quadro 2: síntese das motivações para empreender

4.3 Apoio e cooperação promovidos pela ER

Em contextos de acesso limitado a oportunidades, iniciativas comunitárias como a ER fortalecem redes de apoio e cooperação. Segundo o site Empreendedoras Restinga (2019), a associação visa valorizar a mulher empreendedora, oferecer conhecimento técnico, incentivar trocas, ampliar visão de negócios e promover a independência financeira e a valorização do bairro Restinga (Empreendedoras Restinga, 2019). As associadas descrevem unanimemente a ER como um espaço acolhedor e humanizado, que vai além do desenvolvimento profissional ao funcionar como local de escuta, partilha e suporte prático e emocional; para muitas sem rede de apoio, a associação representa suporte essencial e sentimento de pertencimento (E5; E2).

As ações formativas e de visibilidade são diversas: destacam-se a Jornada (Eu) Empreendedora, um podcast/YouTube, cursos práticos e eventos que combinam entretenimento e reflexão, além de semanas intensas de mentoria voltadas ao autoconhecimento (E5; Registros de atividades). A presença em grandes eventos de inovação e parcerias com instituições de ensino ampliam o alcance das associadas, alinhando-se à ideia de que redes coletivas geram recursos e oportunidades (Lüchmann, 2014; Bourdieu, 1986; Relatórios de redes sociais).

A associação também promove práticas concretas de inclusão: oferece coworking, cursos e facilidades de participação (como espaço kids), o que viabiliza a presença de mães e responsáveis que, de outra forma, não participariam (E9; E2). Ao mesmo tempo, algumas entrevistadas apontam baixa adesão de parte das associadas, o que concentra a participação nas mesmas pessoas e limita o aproveitamento das oportunidades (E2; E6).

O quadro 3 traz uma síntese das dimensões de apoio que a ER oferece a suas associadas.

Dimensão de Apoio	Descrição
Acolhimento Emocional	Espaço humanizado, de escuta e partilha; suporte psicológico
Solidariedade e Pertencimento	Construção de vínculos, senso de comunidade, inclusão
Apoio Prático/Logístico	Espaço kids, coworking gratuito, infraestrutura
Capacitação e Conhecimento	Cursos, mentorias, workshops, palestras
Ampliação de Visibilidade	Divulgação conjunta, redes sociais, eventos

Dimensão de Apoio	Descrição
Desenvolvimento de Capital Social	Construção de redes de relações, parcerias, oportunidades
Transformação Pessoal	Mudança de perspectiva, autoconhecimento, empoderamento
Gestão Democrática	Participação nas decisões, transparência financeira, voz ativa

Quadro 3: dimensões de apoio da ER para suas associadas

Em síntese, a atuação da ER exemplifica como a união comunitária pode transformar realidades: por meio de acolhimento, capacitação, geração de oportunidades e cooperação, a associação contribui para autonomia financeira, inclusão social e valorização do protagonismo feminino, embora enfrente desafios de engajamento interno que exigem estratégias para ampliar a participação coletiva (E8; E10; Atas; Estatuto).

5. Considerações Finais

Este estudo objetivou analisar a contribuição da ER para o fortalecimento do empreendedorismo feminino em seu território. Os resultados demonstram que a ER se constitui como uma organização sem fins lucrativos, dedicada ao fortalecimento da autonomia das mulheres da comunidade, por meio de ações de apoio mútuo, capacitação e incentivo à geração de renda. A associação exerce um papel relevante na promoção do protagonismo feminino, estimulando a solidariedade entre as empreendedoras, ampliando as possibilidades de desenvolvimento profissional e social.

Por meio da realização de reuniões, feiras e cursos, a entidade contribui para o fortalecimento comunitário e para a melhoria da qualidade de vida das famílias do bairro. Além disso, atua no enfrentamento das desigualdades de gênero, das dificuldades territoriais e da limitada oferta de oportunidades presentes na região, promovendo o desenvolvimento coletivo e incentivando a participação ativa das mulheres na comunidade. Conclui-se que a ER representa um importante instrumento de fortalecimento social, econômico e comunitário para as mulheres empreendedoras da periferia, favorecendo a inclusão, a autonomia e a valorização feminina no território em que está inserida.

Como desafios enfrentados por estas mulheres empreendedoras, evidenciou-se que o empreendedorismo feminino em contextos periféricos é marcado por desafios estruturais que envolvem desigualdade de gênero, vulnerabilidade socioeconômica e estigmatização territorial. Observa-se que muitos empreendimentos surgiram em cenários de necessidade, ligados à instabilidade financeira, desemprego ou maternidade, sendo o empreendedorismo uma alternativa de sustento. Nesse cenário, a ausência de rede de apoio e a sobrecarga das responsabilidades familiares aparecem como barreiras recorrentes. A discriminação territorial também se mostra relevante, pois o estigma associado ao bairro impacta diretamente a visibilidade e a captação de clientes, levando algumas empreendedoras a adotar estratégias para minimizar esse efeito. Conclui-se que, embora atravessado por múltiplas

barreiras, o empreendedorismo feminino na periferia se sustenta por estratégias de resistência e superação.

Por fim, verificou-se que a ER se configura como um importante espaço de fortalecimento do empreendedorismo feminino em contexto periférico, promovendo apoio, cooperação e pertencimento entre as participantes. A associação vai além da dimensão profissional, ao oferecer acolhimento, troca de experiências e suporte emocional, especialmente para mulheres que não dispõem de rede de apoio. Destaca-se o papel das ações de capacitação, que contribuem para o desenvolvimento pessoal e profissional das empreendedoras, ampliando os conhecimentos em gestão, além de favorecer a inserção em redes e oportunidades externas. Nesse contexto, evidencia-se também a construção de capital social, por meio da formação de vínculos, confiança e relações que geram oportunidades e fortalecimento coletivo. Outro aspecto relevante é a promoção da participação e da gestão coletiva, com base em princípios democráticos que assegurem o envolvimento das associadas nas decisões e atividades da entidade. Apesar disso, observa-se como desafio o engajamento desigual entre as participantes, o que impacta a ocupação e aproveitamento das ações ofertadas.

Compreende-se que o empreendedorismo, para essas mulheres, ultrapassa a dimensão econômica, configurando-se também como uma alternativa de autonomia, sobrevivência e afirmação social. Assim, torna-se fundamental ampliar as discussões acerca das especificidades do empreendedorismo feminino periférico, bem como fortalecer políticas públicas e iniciativas institucionais que promovam maior equidade de gênero, valorização territorial e melhores condições de desenvolvimento para essas mulheres.

Referindo-se às limitações deste estudo destaca-se a possibilidade de viés de seleção, uma vez que mulheres mais participativas e ativas na associação tendem a ser mais acessíveis aos pesquisadores. Como consequência, empreendedoras com menor inserção nas redes formais de apoio podem ter sido sub-representadas na pesquisa.

Como desdobramento, sugere-se que estudos futuros ampliem o recorte geográfico, contemplando diferentes territórios periféricos e distintas associações, de modo a possibilitar comparações mais consistentes entre realidades diversas. Recomenda-se, também, a utilização de amostras mais amplas, a fim de fortalecer a representatividade dos resultados e permitir maior generalização dos achados.

6. Referências

ABILIO, Ludmila Costhek. Uberização: Do empreendedorismo para o Análise de conteúdo. autogerenciamento subordinado. **Contemporânea** [online]. v. 11 n. 3 (2021): Setembro - Dezembro de 2021. DOI:10.5027/psicoperspectivas-vol18-issue3-fulltext-1674. Disponível em: https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/1081Acess o em 17 jul. 2025.

AHL, Helene. Why research on women entrepreneurs needs new directions? **Entrepreneurship Theory and Practice**, [S.l.], v. 30, n. 5, p. 595–621, set. 2006. Disponível em: https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2006.00138.x Acesso: 26 de nov. 2025.

BOURDIEU, Pierre. As formas de capital. In: RICHARDSON, J. G. (ed**.). Manual de teoria e pesquisa para a sociologia da educação.** New York: Greenwood Press, 1986. p. 241-258.

COLLIS, Jill; HUSSEY, Roger. **Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação.** 2. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2005. 349 p. ISBN 8536304227.

COSTA, Henrique Bosso da. O alquimista: um "sujeito periférico" no circuito do empreendedorismo social. **Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 67, 2024. DOI: 10.11606/1678-9857.ra.214437. Disponível em: https://revistas.usp.br/ra/article/view/214437. Acesso em: 5 fev. 2026.

COSTA, Henrique. Empreendedorismo popular e a economia moral da vida sem salário. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros,** São Paulo, Brasil, v. 1, n. 87, p. 1–19, 2024. DOI: 10.11606/2316901X.n87. 2024.e10683. Disponível em: https://revistas.usp.br/rieb/article/view/225707. Acesso em: 17 jul. 2025.

DIAS, Naomi Gomes Amaro. **O processo empreendedor de mulheres na Restinga.** Orientador: Nilson Varella Rübenich. 2024. 24f. TCC (Graduação em Tecnologia em Processos Gerenciais) – Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Restinga, Porto Alegre, 2024.

DORNELAS, José Carlos Assis**. Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**. 4. ed. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2012. 260 p. ISBN 9788535247589.

DRUCKER, Peter F. **Inovação e espírito empreendedor** (entrepreneurship): prática e princípios. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2014, 378 p. ISBN 9788522108596.

EMPREENDEDORAS RESTINGA. Nossa história. Porto Alegre 2024. Disponível em: https://empreendedorasrestingasa.com.br/. Acesso em: 25 out. 2025.

FALQUETO, Junia maria zandonade; HOFFMANN, Valmir Emil; FARIAS, Josivania Silva. Saturação Teórica em Pesquisas Qualitativas: Relato de uma Experiência de Aplicação em Estudo na Área de Administração. **Revista de Ciências da Administração,** [S. l.], v. 20, n. 52, p. 40–53, 2018. DOI: 10.5007/2175-8077.2018V20n52p40. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/2175-8077.2018V20n52p40. Acesso em: 19 set. 2025.

FERREIRA, Cláudia Aparecida Avelar; CAROLINO, Amanda Ribeiro; NERO, Ana Carolina Pereira; BATISTA, Renata Cristina Gomes; TEODÓSIO, Armindo dos Santos de Sousa. Empreendedorismo feminino periférico: análise decolonial. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 109–133, 2023. DOI: 10.22478/ufpb.2236 417X.2023v13n3.67384. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/pgc/article/view/67384. Acesso em: 27 nov. 2025.

FONTES, Leonardo. A emergência do empreendedorismo periférico: a formação de novas subjetividades em meio ao mercado, ao Estado e à sociedade nas margens urbanas. **SciELO Preprints,** 2023. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.6817. Disponível em: https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/6817. Acesso em: 5 fev. 2026.

GEM, Brasil (2024) Global Entrepreneurship Monitor: **Empreendedorismo no Brasil 2024.** Disponível em: https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2024/03Relatorio-Executivo-GEM BR-2023-2024-Diagramacao-v5-1.pdf. Acesso em 22 set. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5 Ed. São Paulo: Atlas, 2010 p. 46 a 64.

GOMES, Almiralva Ferraz; SANTANA, Weslei Gusmão Piau; ARAÚJO, Uajará Pessoa; MARTINS, Caroline Miriã Fontes. Empreendedorismo Feminino como Sujeito de Pesquisa. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios,** v. 16, n. 51, p. 319–342, abr. 2014. Dísponivel em: https://www.scielo.br/j/rbgn/a/b7pGYz8sKCcCFGWd8B4SrSB/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 15 out.2025.

KERSTENETZKY, Celia Lessa. Sobre associativismo, desigualdades e democracia**. Revista Brasileira de Ciências Sociais,** v. 18, n. 53, p. 131–142, out. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/dQM74fL6JYVwP6fCMW65rvM/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 18 out. 2025.

LÜCHMANN, Ligia Helena Hahn. Abordagens teóricas sobre o associativismo e seus efeitos democráticos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 29, n. 85, p. 159–178, jun. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/dKQNRMfDBnkZ6F59xpW6wYF/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 25 out. 2025.

MACHADO, F. B. Dilemas de Mulheres Empreendedoras em Empresas Inovadoras Nascentes. In: **Anais** [...] do Encontro da ANPAD. 36, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: https://arquivo.anpad.org.br/eventos.php?cod_evento=&cod_evento_edicao=63&cod_edicao_sub secao=848. Acesso em 10 out. 2025.

MARAGNI, Felipe Teixeira Genta; COSTA, Ana Carolina Oliveira Rodrigues; CAMPOS, Natássia de Menezes; CASA NOVA, Silvia Pereira de Castro. Poder de escolha: uma práxis decolonial para a ressignificação do espaço universitário. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 22, n. 6, p. e2023–0064, 2024. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cebape/a/89KqTw34sf6L5NVswn9Fhgj/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 20 jul. 2025.

OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues. Associativismos de trabalhadores favelados no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte (1954-1964). **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), v. 31, n. 65, p. 349–368, set. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/eh/a/q6JNwzSgSLPnWJW3tDkFb4v/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 05 nov. 2025.

OLIVEIRA, Xênia L'amour Campos; DAVEL, Eduardo Paes Barreto. Redes do Empreendedorismo: Perspectivas e Desafios para a Produção Acadêmica. **Desenvolvimento em Questão**, *[S. l.]*, v. 20, n. 58, p. e11747, 2022. DOI: 10.21527/2237-6453.2022.58.11747. Disponível em: https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/11747. Acesso em: 22 abr. 2026.

PESSOA, Lindovon Dias; MORAES, Sharlene Dantas; SILVA, Maria Josefa da; CAVALCANTE, Lígia Maria Alves; NÓBREGA, Joanacele Gorgonho

Ribeiro; CRUZ, Lindalva Alves. Extensão universitária, gênero e economia solidária: interação de saberes e construção da cidadania. **Revista Interdisciplinar em Saúde**, v. 6, n. 1, p. 99-117, abr./jun. 2019. ISSN 2358 7490. Disponível em: https://www.interdisciplinaremsaude.com.br/Volume_23/Trabalho_08.pdf. Acesso em 20 jul. 2025.

PONTES, Thayanne Lima Duarte; DINIS, Anabela do Rosario Leitão. When the doors open: implications of COVID-19 and the work-family interface for women entrepreneurs. **Revista Organizações em Contexto,** [S. l.], v. 18, n. 36, p. 225–251, 2024. DOI: 10.15603/roc1836225 251. Disponível em: https://revistas.metodista.br/index.php/organizacoesemcontexto/article/view/126. Acesso em: 27 nov. 2025.

PORTO ALEGRE. **ObservaPOA** – Observatório da Cidade de Porto Alegre. Prefeitura Municipal de Porto Alegre, [s.d.]. Disponível em: https://prefeitura.poa.br/smpg/observapoa. Acesso em: 20 out. 2025.

SEBRAE. **O que é ser um empreendedor**. SEBRAE, Nacional, 2023 Disponível em: https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/A2EEEAD6407 D759003256D520059B1F8/$File/NT00001D9A.pdf. Acesso em: 18 out. 2025.

SEBRAE. **Relatório de empreendedorismo feminino**. **SEBRAE,** Nacional, 2024 disponível em: https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2025/03/2025-03-07 relatorio_empreendedorismo_feminino_uf_202404_relatorio_final.pdf. Acesso em 07. nov. 2025.

SCHNEIDER, Elton Ivan; Henrique José Castelo Branco. **A caminhada empreendedora e a jornada de transformação de sonhos em realidade.** 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2012.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de Pesquisa em Administração**. 1 Ed. São Paulo: Atlas, 2005 p. 8 a 24.

VERSIANI, Fernanda.; CARVALHO NETO, Antonio. South-South migration: a study on refugees working in small and medium Brazilian enterprises. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 19, n. 2, p. 252–264, abr. 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cebape/a/7qLgFXVcxYVRFMKxHzRGGxr/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 25 set. 2025.

VERSIANI, Fernanda; CARVALHO NETO, Antonio; MOTA-SANTOS, Carolina; CAEIRO, Mariana Lima. Consequências (não) premeditadas do empreendedorismo para a mulher. **Revista de Administração FACES Journal,** v. 20, n. 2, p. 10-28, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/359257344_Carolina_mota santos_consequencias_nao_premeditadas_do_empreendedorismo_para_a_mulher_un_premeditat ed_consequences_of_entrepreneurship_for_womeN. Acesso em: 25 set. 2025.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Tradução de Ana Thorell. Revisão técnica de Cláudio Damacena. Porto Alegre: Bookman, 2010. 248 p.